

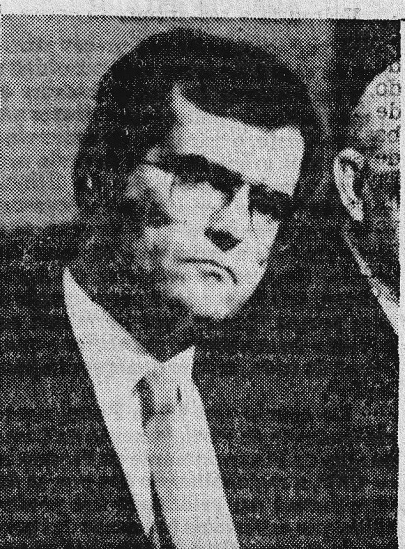
BNDES abre propostas de privatização

Na próxima quinta-feira o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) abre as propostas de compra da Máquinas Piratininga do Nordeste, uma das sete empresas que o banco está privatizando neste ano. Os interessados são a Cimento Portland Poti (do Grupo Votorantim), Usina Mataripe e Usina União Indústria, todos do Nordeste. E até outubro deverá ser formalizada a venda do controle acionário da Máquinas Piratininga de São Paulo, cujo processo de privatização se encontra em fase de pré-qualificação das empresas interessadas.

As informações foram dadas ontem pelo presidente do BNDES, Márcio Fortes, que esteve em São Paulo para encontros com deputados constituintes, no almoço, com quem discutiu a necessidade de manutenção do PIS/Pasep, cujos Cz\$ 200 bilhões representam 50% dos recursos do banco; e com empresários e operadores de mercado, na Bolsa de Valores de São Paulo, no final da tarde, com quem debateu o processo de privatização das empresas controladas pelo banco.

Até o final do ano, o BNDES privatizará também a Cia. Siderúrgica Nossa Senhora Aparecida, a Cia. Guatapara de Papel e Celulose (Celpag) e a segunda etapa da Maferisa, todas de São Paulo, além da Eletrosiderúrgica da Bahia (Sibra) e da Cia. de Celulose da Bahia. A Caratba Metais, a Usimec e a Cosinor deverão ser privatizadas somente no ano que vem, por estarem ainda em processo de saneamento operacional.

Fortes rebateu as críticas feitas no debate na Bovespa, de que o banco vende apenas o controle acionário e não a totalidade das ações das empresas em processo de privatização, lembrando que se fosse colocado à venda o total de ações iria se restringir a possibilidade de venda das empresas. Com os constituintes, Fortes insistiu na necessidade de manutenção do PIS/Pasep, cuja extinção ou transferência para a Caixa Econômica Federal foi proposta na Subcomissão da Ordem Social, argumentando que por serem recursos de devolução a longo prazo são os únicos capazes de financiar projetos de longo prazo, como do setor de papel e celulose e o Metrô.



Márcio Fortes